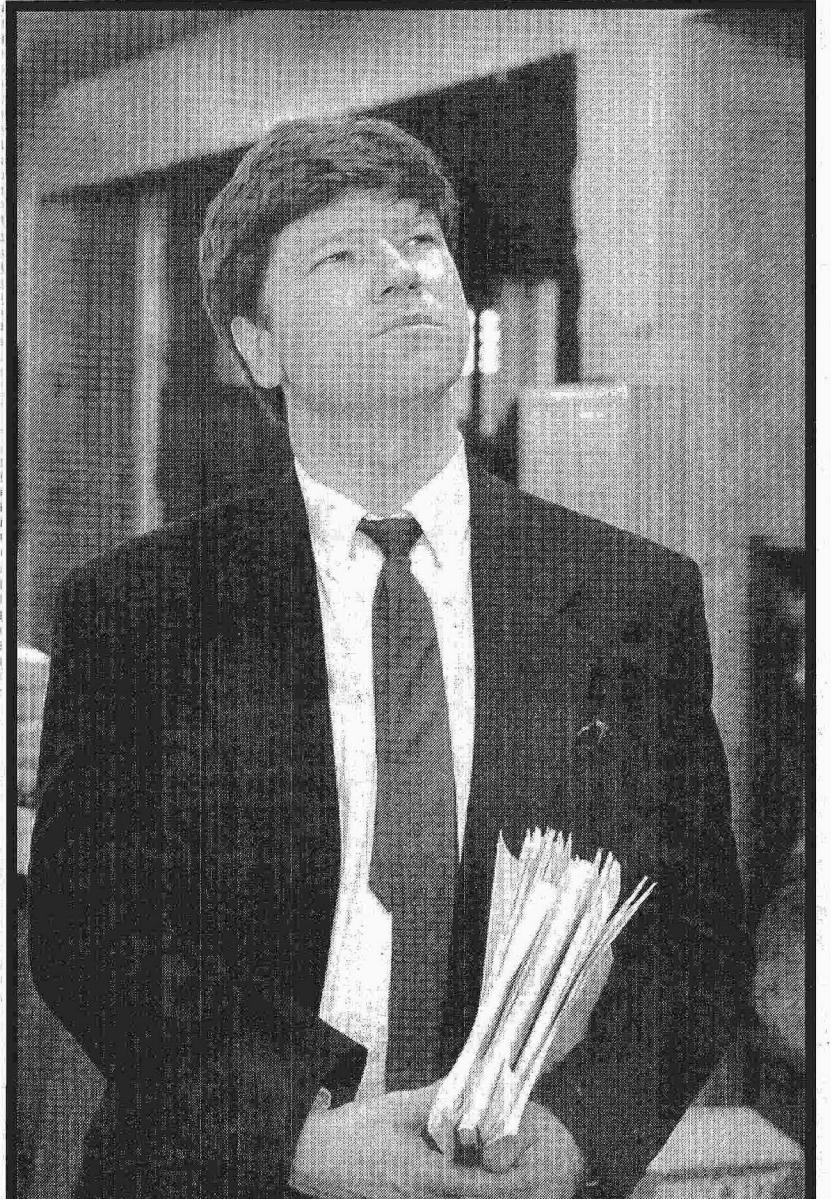


ESPECIALISTAS FICAM ANIMADOS

Maurilio Clareto / AE



Sachs: o FMI não pode suspender ajuda para o Brasil, porque será pior

Rio — A decisão do Banco Central de deixar o câmbio flutuar livremente agradou aos mais incrédulos. Jeffrey Sachs, diretor do Instituto para o Desenvolvimento Internacional da Universidade de Harvard — um crítico ferrenho da política cambial do governo Fernando Henrique Cardoso — disse ontem que a medida é “um passo na direção certa”, apesar de ter sido tomada com dois anos de atraso. Segundo ele, se esse sistema permanecer, as taxas de juros terão realmente espaço para cair.

“O governo brasileiro deve agora ter uma política de crescimento centrada nas exportações, e deve convocar um encontro com todos os grandes bancos para pedir uma ação conjunta e a manutenção das linhas de crédito”, afirmou. Na véspera, Sachs afirmara que a desvalorização de cerca de 9% não seria suficiente para acalmar o pânico nos mercados e nem teria impacto significativo nos juros.

Segundo ele, é hora de o governo adotar o que chama de uma “política macroeconômica consistente”, orientada para o crescimento das exportações e para o crescimento do país. Em seguida, é preciso cuidar do sistema financeiro nacional, evitando falências bancárias.

Outro ponto crucial para que o Brasil ache seu equilíbrio econômico está nas linhas de financiamento internacional, afirmou o economista. O Brasil deverá negociar com o Banco Mundial e bancos credores para que o crédito não suma. Sem poupar críticas, Sachs disse que o programa

do Fundo Monetário Internacional (FMI) acertado com o Brasil é irrealista, e que é hora de rever metas.

“O FMI terá que fazer isso. E ele deve continuar a emprestar o dinheiro ao Brasil, e não ameaçar suspendê-lo, o que poderia ter consequências piores. O FMI só tem aplicado políticas fracassadas”, declarou, se referindo aos planos adotados na Ásia.

INFLAÇÃO

Além de Sachs, outros analistas de mercado internacionais também ma-

nifestaram seu apoio às medidas brasileiras, o que serviu de estímulo ao mercado de ações. Apesar do alívio nas bolsas, o economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, afirmou que a volta da inflação é “praticamente certa”. Entretanto, se a desvalorização do real se mantiver em torno de 20%, e esse patamar se agregar a todos os produtos que compõem a balança comercial, a inflação poderá ficar abaixo dos dois dígitos este ano (menos de 10%).

O risco maior da inflação, segundo Abate, é o da volta da indexação dos preços. Para manter o controle inflacionário, disse ele, o governo terá que manter no curto prazo a at-

ual política de juros. Segundo o economista do Lloyds, a queda da atividade econômica será inevitável, o que projeta um resultado negativo para o Produto Interno Bruto (PIB) este ano. Abate disse ainda que a nova situação cambial desenhada desde ontem no Brasil poderá provocar mudanças na política cambial de países da América Latina.

A reação à liberação do câmbio, ontem, foi mais tranquila do que se esperava. Se a moeda americana se estabilizar ao redor de R\$ 1,50, o real

terá se desvalorizado 23%. Esse percentual é bem inferior ao das desvalorizações ocorridas no México e na Tailândia, também atingidos por ataques especulativos. No fim de 1994, o peso mexicano desvalorizou-se 115% em relação ao dólar. E, entre julho de 1997 e fevereiro de 1998, o baht

tailandês perdeu 95% de seu valor.

CUSTO

“Ainda é cedo para dizer se atingimos a taxa de equilíbrio. No entanto, se o real se estabilizar nesse patamar, o custo da desvalorização terá sido barato”, destacou o economista-chefe do Banco Bozano, Simonsen, André Lóes.

Mas o que fez com que, em pleno ataque contra a moeda, o real tivesse uma desvalorização relativamente pequena? Segundo Lóes, os fundamentos da economia brasileira são bem mais sólidos que os de outros mercados emergentes. Apesar de US\$ 5 bilhões terem deixado o País em apenas duas semanas, o volume de reservas ainda é alto — ao redor de US\$ 30 bilhões, fora os recursos a receber do Fundo Monetário Internacional (FMI). O México, no fim de 1994, tinha apenas US\$ 6 bilhões em caixa.

Quanto tempo deve levar o Brasil para superar a crise? No caso do México, o primeiro país a enfrentar o colapso da moeda forte, a partir de dezembro de 1994, a recuperação veio de forma relativamente rápida: foi preciso um ano para que o país voltasse a crescer.

Na opinião de Gary Hufbauer, do Instituto de Economia International, em Washington, foi uma recuperação rápida, levando-se em conta a magnitude da crise. Para os países do Sudeste da Ásia, onde a crise começou no segundo semestre de 1997, Hufbauer só vislumbra melhores significativas no mínimo a partir de 2001.

O economista, especializado no estudo das crises nos mercados internacionais e que veio diversas vezes ao Brasil para conferências, acredita que o país esteja no meio-termo. “O Brasil tem tudo para se sair melhor que os países da Ásia, mas acredito que deva demorar um pouco mais que o México para se recuperar.”